

PATRIMÔNIO MODERNO DE ARACAJU: DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA

MODERN HERITAGE IN ARACAJU: DOCUMENTATION AND MEMORY



Carolina Marques Chaves

Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, Sergipe, Brasil

carolina.chaves@academico.ufs.br



Fernando de Medeiros Galvão

Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, Sergipe, Brasil

fgalvao@academico.ufs.br

1

Resumo

Provocados a pensar a conservação da Arquitetura Moderna em Aracaju, a produção residencial unifamiliar aparece como um objeto de estudo recorrente em razão de sua vulnerabilidade a demolições ou adequações para novos usos. Nesse sentido, procura-se contribuir para esse debate ao apresentar os resultados de um projeto de extensão universitária que, após 04 meses de trabalho acerca do tema “casas modernas de Aracaju”, registra o valor cultural reconhecido em um conjunto de oito residências situadas entre os bairros Centro e São José. Assim, esta comunicação volta aos documentos e à documentação a fim de contribuir para futuras ações que visem a proteção e conservação de parte do patrimônio moderno na cidade de Aracaju, mais especificamente relacionado à produção residencial unifamiliar de meados do século XX. A inventariação do conjunto de oito residências modernas foi feita tomando por referência as informações demandas pelas ficha de registro do Docomomo Internacional (versão completa) e SICG (Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão do IPHAN). A pesquisa histórica buscou orientar a representação de três fases do projeto: projeto original (as designed), obra construída (as built) e estado atual (as is). O levantamento de dados acerca das duas últimas fases foi feito através de depoimento oral dos moradores (ou antigo moradores), fotografias de época e levantamento arquitetônico (identificação e medições diretas). Além das fichas para inventariação dos bens foram desenvolvidos modelos 3D digitais com identificação das referidas fases. Para detalhar os processos e os resultados desta documentação será apresentada a Residência Souza Freire (1956-1958).

Palavras chave: Residência Souza Freire. Patrimônio Moderno. Arquitetura Moderna. Documentação. Casas Modernas.

Abstract

Regarding to the conservation of Modern Architecture in Aracaju, single-family housing production appears as a recurrent object of study because of its vulnerability to demolitions or adjustments to new uses. In this sense, it is our aim to contribute to this debate by presenting the results of a university extension project that, after four months of work on the theme "modern houses of Aracaju", seeks to demonstrate the cultural value recognized in a set of eight residences located between the districts Centro and São José. Thus, this communication returns to documents and documentation in order to contribute to future actions aimed at the protection and conservation of part of the modern heritage in the city of Aracaju, more specifically related to the single-family residential production of mid of the 20th century. The inventory of eight modern residences was made by using the Docomomo International registration form (full version) and IPHAN's methodology (SICG) as reference. The historical research aimed to guide the representation of three phases of the building: as designed (the project design), as built (the built work) and as is (the current state). The data survey about the last two phases was done through oral testimonies of the residents (or former residents), period photographs and architectural survey (identification and direct measurements). In addition to the records for inventorying the assets, 3D digital models (SketchUP software) were developed identifying these phases. To detail this documentation processes and results it will be presented one case study: Souza Freire Residence (1956-1958).

Keywords: Modern Houses. Aracaju. Documentation. Modern Heritage. Souza Freire Residence.

Introdução

Acerca do Patrimônio do Século XX, mais especificamente, o legado do Movimento Moderno, durante a década de 1990 houve um grande esforço direcionado ao registro e a documentação com o objetivo de inventariar e “dar a conhecer” essa produção. Nesse sentido, uma grande atenção foi dada as ações de inventariação da Arquitetura Moderna, coordenadas pelo Docomomo Internacional¹, em diferentes partes do mundo. O objetivo era responder a uma das três perguntas que estruturariam as ações futuras em prol da salvaguarda do patrimônio moderno: O quê? Por quê? e, Como preservar?. Um dos resultados desses esforços foi a publicação do livro “*The Modern Movement in Architecture: selections from the Docomomo Registers*” (2000) cujo contribuição estava mais na demonstração de que muito ainda teria de ser feito a fim de conhecer e compreender o alcance da produção do Movimento Moderno chamando atenção para a necessidade de reavaliação da visão eurocêntrica que estrutura a história desse movimento (TOURNIKIOTIS in Casciato e d’Orgeix, 2012, 24).

Destarte, o primeiro comitê internacional de especialistas a se constituir dentro desta organização foi o *International Specialist Committees/Registers (ISC/Registers)*², cujo objetivo era envolver os centros regionais e nacionais na documentação de edifícios e sítios de Arquitetura Moderna, desde o início incluindo obras excepcionais e exemplares “comuns”. No entanto, ao menos na última década (2010s) tem sido recorrente os alertas quanto à prevalência do “do” (documentação) em detrimento do “co” (conservação) no âmbito das ações pertinentes ao **docomomo** como instituição internacional em favor da salvaguarda de obras do Movimento Moderno. Esse chamado pode levar à compreensão de que documentação e conservação são etapas em sucessão linear dentro de um processo de salvaguarda, enquanto essas esferas devem ser compreendidas como campos em contínuo e dinâmico intercâmbio. Trabalhar com o documento e a documentação para conservação direciona abordagens

1 Organização sem fins lucrativos cujo título completo corresponde a Comitê Internacional de Documentação e Conservação de Edifícios, Sítios e Bairros do Movimento Moderno, fundado em 1988 (Eindhoven, Holanda) por Hubert-Jan Henket e Wessel de Jonge.

2 Os anais da Conferência de 1990 relata a constituição desse comitê.

e é um processo necessário para construção de critérios para salvaguarda.

No Brasil, os trabalhos dedicados aos processos associados à circulação de ideias e a difusão da arquitetura moderna em território nacional contribuíram para a compreensão do que pareceu ser, para S. Giedion, “algo de irracional no desenvolvimento da arquitetura brasileira” (MINDLIN, 2000). A qualidade dessa arquitetura não estaria em algumas obras de excepcionalidade fruto do trabalho de alguns pouco indivíduos, mas na produção média, “uma situação que não existe em muitos outros países” (MINDLIN, 2000).

A avaliação, feita pelo crítico e historiador de arquitetura em meados da década de 1950, é fruto da observação de um processo ainda em pleno desenvolvimento³ e que ganharia novo impulso com a construção e inauguração da nova capital federal (1956-1960) e a implantação da política desenvolvimentista para o desenvolvimento do país. Nas cidades pequenas e médias, é entre as décadas de 1950 e 1960 que se registra um aumento significativo de novas construções, dentre as quais as residências unifamiliares marcam a cena urbana e aparecem como importante vetor de difusão da arquitetura moderna no Brasil. A grande parte desses trabalhos⁴, pioneiros em seus recortes, tiveram caráter de inventário e fizeram a primeira aproximação histórica através do levantamento e da sistematização de documentação primária nos Arquivos Públicos das Prefeituras e pessoais, registro de depoimentos orais de personagens envolvidos com a construção da residência e levantamentos físicos. Como documento, esses trabalhos hoje permitem perceber a velocidade de degradação e perda desse patrimônio.

Assim, esses trabalhos permitem perceber o valor cultural da Arquitetura Moderna para a sociedade brasileira de meados do século XX expresso no alcance

3 O livro “Arquitetura Moderna no Brasil” foi publicado em 1956 em língua inglesa e francesa, sendo traduzido para o português apenas em 2000. Ou seja, o livro dedicado a um público internacional fala de uma produção cujo processo de difusão seria impulsionado nos anos seguintes à inauguração de Brasília.

4 Esse cenário pode ser visto através das pesquisas realizadas nos programas de Pós-graduação no Brasil e dos artigos publicados nos Seminários Docomomo, nacional e regionais, dedicados à produção residencial de cidades como João Pessoa-PB (PEREIRA, 2008; CHAVES, 2012), Campina Grande-PB (ALMEIDA, 2010), Florianópolis-SC (ALBERTON, 2006), Campo Grande-MT (ARRUDA, 2003), Fortaleza-CE (NETO, 2005), Aracaju-SE (NERY, 2003; NERY e SANTOS, 2006; SANTOS, 2011; MACIEL, 2013), apenas para citar alguns.

de difusão dessa arquitetura e o volume construído. Por outro lado, em termos quantitativos, o volume construído no século XX e a predominância da obra Moderna nas cidades brasileiras exigem o deslocamento do tema do reconhecimento patrimonial da perspectiva do excepcional para o debate do “comum”, posto que diante de um conjunto numericamente expressivo o que se deve proteger e conservar para as futuras gerações? Como selecionar e justificar a proteção?

Motivados por esse questionamento, após 02 anos de pesquisa de levantamento e registro sobre a produção da arquitetura residencial moderna na cidade de Aracaju⁵, foi proposto um projeto de extensão⁶ cujo objetivo era construir, junto com a comunidade, um material sobre casas modernas em Aracaju cuja linguagem fosse acessível ao maior número de pessoas e que pudesse, através do registro de seus valores culturais, contribuir para tomada de decisão sobre sua salvaguarda visto que uma das características do projeto de extensão universitária é transpor os limites acadêmicos da pesquisa indo ao encontro da sociedade.

5

Os resultados obtidos na pesquisa de iniciação científica, a exemplo dos trabalhos de inventário, foram fundamentais para esclarecer sobre a periodização do processo de recepção e difusão da Arquitetura Moderna em Aracaju. O projeto arquitetônico como documento auxiliou na compreensão do processo histórico de ocupação do bairro São José (área de expansão da cidade na década de 1950), introdução de uma nova linguagem arquitetônica, neste caso, a da Arquitetura Moderna, a configuração do projeto original e revelou alguns personagens envolvidos nesse processo como desenhistas, construtores, engenheiros e os proprietários. Essas informações foram fundamentais para a seleção das obras para o projeto de extensão e a produção do material para exposição e documentário⁷.

5 O projeto de iniciação científica, sob minha coordenação entre os anos de 2016 e 2018, tinha por objetivo ampliar a narrativa sobre a produção residencial moderna em Aracaju, entre os anos de 1940 e 1960, a partir do levantamento dos projetos aprovados pela prefeitura. Este trabalho foi proposto em continuidade ao trabalho anteriormente desenvolvido pela Profa. Juliana Nery (2002-2003) e a dissertação de mestrado de Isabela Santos (2011).

6 O título do projeto de extensão é “Reconhecimento do Patrimônio Moderno em Aracaju através da Educação Patrimonial” foi desenvolvido entre os meses de agosto e dezembro de 2018.

7 Disponível através do link: <https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=ksyjhc2f0ew>.

A exposição e o documentário foram os meios escolhidos para apresentar uma narrativa que buscou alinhar a percepção do especialista e a memória dos atores envolvidos com os objetos do estudo. Ciente de que se produz uma nova documentação e dos limites inerentes a este processo desde a definição dos recortes, a eleição e coleta de dados e documentos até a costura da narrativa final. Nesse sentido, o esforço empreendido neste trabalho se caracteriza como um ensaio para construção da significância cultural de um conjunto patrimonial.

O verbete “documentação” é definido, no Dicionário Iphan do Patrimônio Cultural, “como prática com e/ou sobre algum documento ou conjunto documental”, que não se limitar ao ato de registrar um conjunto de informações, mas que para além disso, assume “a função de representar ideias e objetos que nos informam sobre algo”. Nesse sentido, é importante reconhecer a importância e o papel que o documento assume na historiografia contemporânea, assim como as técnicas e tecnologias que dispomos para o registro e a transmissão de informações, cuja guarda, conservação e disponibilidade estão garantidos pela Constituição Federal de 1988.

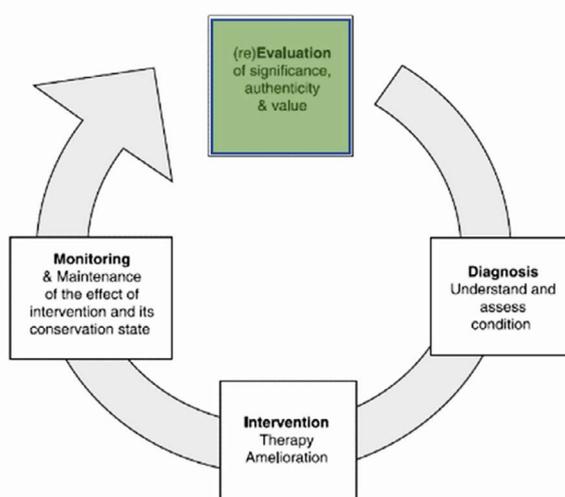
São diversos os tipos de documentos e as formas de documentar. As informações devem, portanto, estar ao acesso de todos, condição fundamental para o exercício pleno da cidadania e para construção de identidades locais e/ou globais. Dispomos, portanto, de um conjunto amplo de possibilidades para documentação: textos, filmes, discos magnéticos etc. Interessa-nos neste momento discutir sobre as tecnologias da documentação em arquitetura, mais especificamente, do patrimônio arquitetônico.

Segundo Quintero *et al.* (2007) a conservação do patrimônio edificado segue um conjunto de fases de trabalho (análise, diagnóstico, intervenção e monitoramento) com implicações no tipo de documentação e a qualidade da informação levantada e registrada. Assim, os autores afirmam que “*these 4 stages in the cycle have metric information needs that must be adequately met by establishing the principle of matching an intensity of capture to a given process.*” (QUINTERO *et al.*, 242).

O trabalho aqui descrito está inserido na fase de Análise (Diagrama 1), que implica no levantamento e registro de dados com caráter de inventário e análise

preliminar de valoração do bem, ou conjunto de bens, de interesse cultural. O recorte temático é o da produção de casas modernas (habitação unifamiliar) na cidade de Aracaju ao longo das décadas de 1950 e 1960. O objetivo dessa pesquisa é definir procedimentos metodológicos a serem aplicados em etapas posteriores. Dessa forma, apresentam-se os primeiros resultados de um processo de trabalho a ser ampliado. Para inventariação das casas foram observadas as fichas completas sugeridas pelo Docomomo Internacional⁸ e as fichas SICG (Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão do IPHAN).

Diagrama 1 - Ciclo da Conservação.



Fonte: Quintero *et al.* (2007), editado por nós.

As informações sobre cada imóvel foram coletadas através de “técnica direta”⁹, que implica na seleção de dados no momento da captura das informações e necessita “a clear understanding of the information needs of both the conservation process and the architectural form involved” (QUINTERO *et al.*, 2007, 243). Os dados foram levantados através de desenhos e medição *in situ*, auxiliados por trena laser e registros fotográficos. Tão importante quanto as ferramentas técnicas foi a instrumentação teórica da equipe que executou o levantamento, assim, os alunos participaram de

8 Para ter acesso as fichas sugeridas pelo Docomomo Internacional, acessar: <https://www.dropbox.com/sh/zkryrlsbw3sszon/AAD2BEipOAV5hnn-8o0e9-Fca?dl=0>.

9 Refere-se à técnica direta e indireta para documentação de bens edificados. No primeiro grupo implica a seleção de dados no momento da captura ou registro da informação (desenho e levantamento *in situ*, EDM e GPS), enquanto o segundo implica na captura de uma grande quantidade de informação a ser selecionada e analisada a posteriori (laser scanning e fotogrametria).

uma capacitação¹⁰ que teve como objetivo esclarecer sobre os procedimentos para documentação do bem de interesse cultural, coleta e registro de dados para produção da documentação para o conjunto dos bens em estudo.

Desde o desenho de observação, levantamento cadastral, levantamento fotográfico, relatos orais, filmagens e as tecnologias mais avançadas de escaneamento 3D, a documentação é fruto de um processo de construção narrativa que necessita ser relativizada a partir de uma autoria, ferramenta de suporte e contexto histórico. Como concluiu Hilário Figueiredo P. Filho em verbete para o Dicionário Iphan,

Articulada à atividade de pesquisa, a documentação se mostra um bem cultural imprescindível para as ações preservacionistas do patrimônio. Ambas se nutrem reciprocamente, na medida em que podem trazer à tona registros do passado e do presente, suscitando questionamentos, reflexões, olhares, percepções e problematizações sobre os nossos diversificados acervos. Ações estas que são fundamentais para a constante produção do conhecimento interdisciplinar a partir das múltiplas (re)apropriações desse bem bastante emblemático das nossas memória e história: a documentação.

As reflexões aqui apresentadas têm como bases documentais os documentos, sempre que possível, originais dos projetos aprovados pela Prefeitura de Aracaju entre as décadas de 1950 e 1960, acervos fotográficos da cidade e das obras neste mesmo período e depoimentos orais. Os projetos aprovados na prefeitura e as fotografias forneciam informações mais precisas quanto à datação, autoria e uma primeira fase de idealização do projeto. Esses documentos e informações foram fundamentais para rever e ampliar a narrativa corrente sobre o processo de difusão da Arquitetura Moderna em Aracaju e, mais especificamente, sobre as residências em estudo. Os maiores esforços em termos de coleta de dados e produção de documentação, através do documentário e do registro gráfico das fases históricas das obras, concentraram-se no levantamento físico e depoimentos orais como parte fundamental do trabalho de campo proposto pelo projeto de extensão.

10 O curso de capacitação, realizado em setembro de 2018, contou com a participação do professor Dr. Pedro Murilo Gonçalves.

Delimitação da área de estudo

O tema residencial estava definido como premissa de trabalho e tinha como fio condutor a construção de uma narrativa que procurasse revelar o valor cultural das obras não apenas por seu valor histórico, mas pelo reconhecimento do significado cultural por parte da comunidade envolvida com os bens e seu entorno. Pelo exposto anteriormente, a abordagem não seria justificada pelo valor icônico, mas pelo valor de conjunto. Assim, entendemos que o desafio da conservação da arquitetura moderna residencial unifamiliar deve ser abordado a partir do valor do conjunto edificado e da relação desse conjunto com a dinâmica da cidade. Os critérios para a definição desse conjunto foram elaborados a partir do confronto dos dados pesquisa histórica (iniciação científica) e os dados coletados em depoimento oral com a comunidade¹¹ (projeto de extensão).

O primeiro momento do projeto foi definir que objetos e lugar representariam o tema da “casa moderna”, o qual, quando apresentado para aos diferentes grupos da comunidade trouxe¹² sempre as mesmas referências, que conduziram às denominações “casas vizinhas na Av. Ivo do Prado” e a um grupo de residências citadas como “as casas da Vila Cristina”, referência a um conjunto de 06 residências situadas na rua Vila Cristina. Para além dessas casas foram mencionadas, por arquitetos e historiadores, alguns outros exemplares situados no bairro São José, que de alguma forma teriam sido influenciados pela presença das “casas da Vila Cristina” e das “casas vizinhas na av. Ivo do Prado”¹³. Assim, o recorte definido trazia como referência urbana o bairro São José, nas proximidades da Praça Graccho Cardoso, e sua fronteira imediata com o bairro Centro, próximo à Praça Camerino, revelando que a Arquitetura Moderna estava associada ao processo de expansão urbana (ocupação e consolidação) da

11 O projeto de extensão atingiu três grupos: especialistas (arquitetos, engenheiros e historiadores), agentes envolvidos diretamente com a obra (proprietários originais e/ou atuais), moradores do bairro no qual estão inseridas as obras.

12 As consultas foram feitas através de entrevistas orais cuja pergunta era: “Você reconhece alguma casa moderna em Aracaju?”. Se sim, “Onde ela estaria localizada?”.

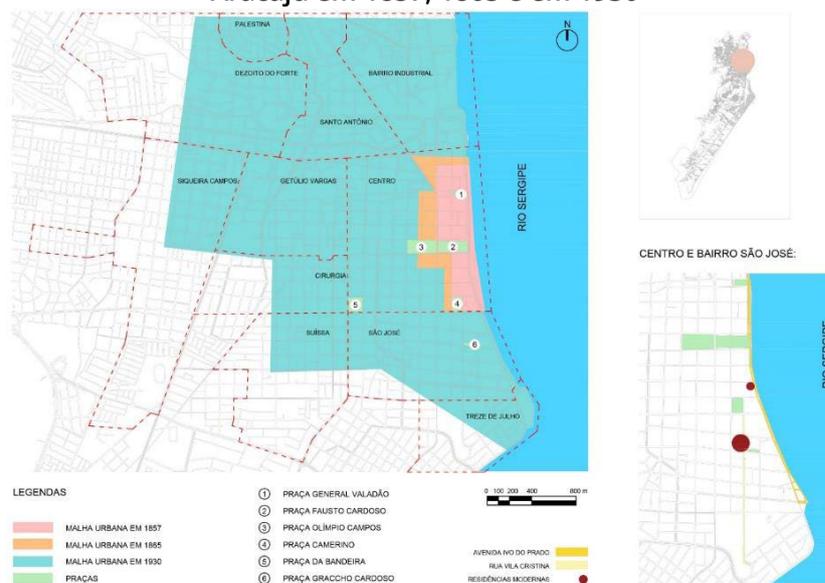
13 Importante ressaltar que esse conjunto de residências são declaradas como bens de “Interesse Cultural”, dentre os Bens de Patrimônio Cultural expressos no Plano Diretor da cidade de Aracaju (2000). Trata-se de um conjunto intitulado “Residências da Fase Modernista”, que identifica 06 dos imóveis analisados por esta investigação (Rua Vila Cristina 194/222/254/288 e Av. Ivo do Prado 282/296).

cidade no eixo sul.

O bairro São José começou a ser urbanizado nas primeiras décadas do século XX, após o aterramento da área na década de 1930 (Figura 1), e nas décadas de 1950 e 1960 ajudou a consolidar a expansão ao Sul do território. Famílias migravam do bairro Centro e de outros bairros para este novo bairro em franco processo de ocupação, assim como famílias recém-formadas de jovens empreendedores escolhiam o bairro São José para construir sua primeira residência.

O conjunto edificado que representa as “Casas Modernas de Aracaju” situa-se na fronteira entre a porção sul do bairro Centro (“as casas na Av. Ivo do Prado”) e a porção norte do bairro São José (“as casas modernas da rua Vila Cristina”), o primeiro guarda a memória dos primeiros traçados urbano de fundação de uma cidade planejada em meados do século XIX e o segundo ajuda a consolidar o avanço ao sul do território. Os moradores destacaram as qualidades ambientais do bairro São José e sua relação com o rio Sergipe e, logo em seguida, a área do Colégio Atheneu (construído na década de 1940) e a Associação Atlética de Sergipe (projeto da década de 1930, demolido na primeira década do séc. XXI).

Figura 1 - Mapa com representação das manchas que definem a malha urbana da cidade de Aracaju em 1857, 1865 e em 1930



Fonte: Carolina Chaves e Rejane Lúcia Tourinho, 2018.

Descrição da imagem: No mapa menor, estão identificadas em amarelo a Av. Ivo do Prado (orla do rio Sergipe), rua Vila Cristina e a localização das residências em estudo (círculos vermelhos).

A construção da narrativa histórica da produção de Arquitetura Moderna na cidade de Aracaju é, comumente, pontuada por edifícios que se distinguem pela excepcionalidade da afirmação da técnica moderna (em especial revelada pela inovação do tipo vertical) e os elementos formais da nova arquitetura como os edifícios Walter Franco (1956), o residencial multifamiliar Atalaia (1957) e, já no início da década de 1960 o Hotel Palace (1962) e Terminal Rodoviário Luiz Garcia (1962). Desses exemplares apenas o residencial multifamiliar é de iniciativa privada sendo os demais marcos da iniciativa pública. Decerto, não foram as obras realizadas pela ação do Estado que definiram a singularidade da produção moderna brasileira marcada por sua notável difusão em território nacional. Nesse sentido, as residências simbolizam não apenas o registro de uma nova linguagem na paisagem, mas também os grupos sociais que as demandavam e ratificavam, assim, a construção de uma nação através da afirmação da força de uma cultura (a cultura moderna da primeira metade a meados do século XX).

11

Pelo exposto, o conjunto de residências modernas em Aracaju (Figura 2 e Figura 3), recorte deste trabalho composto por oito imóveis, abrange os anos de 1956 aos primeiros anos da década 1960 e foi definido, não apenas por afinidades formais, mas pelos contornos da memória afetiva da comunidade¹⁴ que convive com esses exemplares. A história da construção dessas casas revela grupos cujas origens sociais adivinham tanto da raiz aristocrática da cultura do açúcar e meio rural quanto de iniciativas individuais de jovens de origem humilde que se transferiram para a capital e construíram novas trajetórias e patrimônio atuando como grandes empresários e profissionais liberais. Esse recorte, sinaliza ainda um entorno urbano bastante representativo para a cidade abrigando, à curtas distâncias, o Museu da Gente Sergipana (antigo Colégio Atheneu), a atual sede do Colégio Estadual Atheneu, as Praças Graccho Cardoso e Camerino e, há época, um lugar social muito importante na cidade que foi a Associação Atlética de Sergipe. A avenida Barão de Maruim, linha de divisa entre os bairros Centro e São José, simboliza a expansão urbana sul.

14 Foram entrevistados moradores do bairro São José (em raio de 100 metros), além de estudantes e profissionais envolvidos com áreas afins ao tema patrimonial (arquitetos, historiadores e arqueólogos)

Figura 2 - Conjunto de Casas Modernas de Aracaju bairro Centro e São José.



Fonte: Google Maps, editado pela autora, 2019.

Figura 3 - Conjunto de residências modernas em Aracaju.



Fonte: acervo LaPEM.

Legenda: 1. Res. Ernani e Maria Eugênia Souza Freire, nº296 (1956-1958); 2. Res. João e Risolina Hora Oliveira, nº282 (1957-1961); Res. José Gonçalves Dantas, nº194 (1955-1956); 4. Res. Augusto Barreto, nº122 (1955-); 5. Res. Elpídio e Jasonita Teixeira, nº236 (1956-1958); 6. Res. Manoel Barbosa, nº254 (196?); 7. Res. Carlos e Maria Dina Faro, nº288 (1962-1964); 8. Res. Wilson Dórea Sobral, nº270 (196?); 9. Praça Graccho Cardoso; 10. Colégio Estadual Atheneu; 11. Praça Camerino; 12. terreno da antiga Associação Atlética Sergipe; 13. Museu da Gente Sergipana.

Desse referido conjunto, as primeiras casas, cuja data de aprovação na prefeitura é do ano de 1955, pertenciam ao Sr. José Gonçalves Dantas¹⁵ e ao Sr. Augusto Barreto, amigos que construíram suas novas residências em lotes quase vizinhos. O

¹⁵ O projeto é de autoria de Hermán Centurion, responsável técnico João Alves Construtora e o desenho assinado por Walter Freire Barros.

primeiro, manteve sociedade com Ernani de Souza Freire na casa bancária Dantas Freire, período no qual o Sr. Ernani Souza Freire adquiriu o terreno do antigo trapiche Aurora na avenida Ivo do Prado, onde construiu sua nova residência. O projeto da casa foi aprovado no final do ano de 1956 e a obra foi concluída em 1958. O terreno foi desmembrado e o lote vizinho vendido ao Sr. João Hora Oliveira, comerciante de tecidos e incorporador do edifício Mayara, que fez sua residência aos moldes da casa do amigo e vizinho, fazendo também vir do Rio de Janeiro o projeto de interiores e todos os itens que o compunham.

A residência de José Gonçalves destaca-se na esquina das ruas Vila Cristina e Senador Rollemberg com volumetria prismática, a solução do telhado borboleta (águas invertidas com cumeeira convertida em calha) e o volume da escada marcado pelo uso de elementos vazados preenchendo abertura em formato ameboide na fachada norte, o uso de elementos vazados também na fachada leste garantem uma permanente circulação de ar, mesmo em dias de chuva. Esse exemplar não abriga mais a função original, sendo sede do Centro de Apoio Pedagógico para atendimento às pessoas com deficiência visual (CAP) e, portanto, exigindo um trabalho de educação patrimonial voltado a um público com deficiência visual que resultou na construção de maquetes físicas e impressão 3D para comunicar os elementos e atributos plásticos e espaciais da residência.

Atualmente a residência do Sr. Augusto Barreto está descaracterizada sendo dificilmente reconhecida. O documento utilizado para construção da exposição e do documentário foram as pranchas do projeto original, fotos antigas e narrativa oral da arquiteta Josinaide Maciel, que pesquisou sobre a residência em seu mestrado (MACIEL, 2013). Na construção da narrativa desta documentação, essa obra é representativa da ausência do reconhecimento da significância cultural que possui a residência, e ainda, a produção residencial moderna unifamiliar.

Ainda no ano de 1956, na rua Vila Cristina, vizinha à residência do Sr. Augusto Barreto, foi iniciada a construção da residência do casal Sr. Elpídio e Sra. Jasonita Teixeira. Dedicado às atividades rurais, a família instalada em Aracaju convivia com

as idas constantes para a fazenda sendo a casa também abrigo para pessoas que vinham do interior para tratamento médico em Aracaju sob os cuidados da Sra. Jasonita Teixeira, reconhecida pelos vizinhos e amigos pelo cuidado e acolhimento. Uma carta de uma amiga enviada a família revela a dinâmica de uma residência sempre muito movimentada, alegre e generosa. Uma das filhas do casal, Sra. Eneide Teixeira, rememorou¹⁶ a infância e adolescência na casa e o convívio com as crianças das casas vizinhas, o hábito de frequentar a Associação Atlética de Sergipe e a ambiência do bairro São José marcada pelas Praças Graccho Cardoso e Camerino.

Os três lotes, a sul, vizinhos a casa do Sr. Elpídio Teixeira e que completam a face da quadra voltada para a rua Vila Cristina, foram construídas na primeira metade da década de 1960, sendo a primeira delas a residência do Sr. Carlos Faro (1962), advogado de formação, em lote de esquina com a rua Riachuelo. As residências do Sr. Wilson Dórea Sobral e do Sr. Manoel Barbosa seriam suas contemporâneas, segundo depoimento do filho, Sr. Nestor Faro, cujo testemunho revelou o papel essencial da proprietária da casa (Sra. Maria Dina Faro) como idealizadora e demandante de uma “casa moderna”, cujas referências advinham de revistas especializadas de arquitetura que parentes enviavam do Rio de Janeiro.

As visitas e conversas revelavam, aos poucos, os desejos e o ânimo de jovens casais na construção de suas novas residências reflexo de um clima de prosperidade econômica no país e apostas no desenvolvimento e no progresso. Enquanto os documentos oficiais dos projetos arquitetônicos revelavam os nomes dos proprietários “homens”, os depoimentos foram revelando a força da presença das proprietárias “mulheres” que, em geral, davam direcionavam e equilibravam as linhas de força e composição dos volumes e planos interiores com a mesma discricção que conduziam a vida familiar. Assim, adotamos como título para as residências o nome do casal, sempre que essa informação esteve disponível.

As residências na avenida Ivo do Prado, frente para o rio Sergipe, eram referenciais para a população e muitos relatam que, há época, uma das distrações

16 Depoimento concedido, por telefone, à autora no dia 09 de outubro de 2018.

no final de semana a caminho da igreja era passar pelas casas e “observá-las em funcionamento”. A relação entre espaços públicos e privados (exterior e interior) nessas casas estabeleciam uma nova relação, ao menos visual, entre as esferas público e privada que era pouco comum para a época. Todas as casas analisadas neste pequeno recorte têm em comum a organização funcional da vida privada em dois pisos sendo o térreo dedicado à vida social ainda em contato com a vida pública através de seus jardins e salas amplas e transparentes, e o piso superior reservado à vida privada (quartos de dormir). O funcionamento do pavimento térreo, além de servir como uma “vitrine” para vida social, também abrigava a manutenção de hábitos arraigados dessa sociedade de matriz patriarcal que se revelava no setor dos serviços fosse nas cozinhas duplas (a cozinha limpa e a cozinha suja comum nas casas de fazenda), na rigorosa distinção entre circulação de serviço e social e na manutenção de um apêndice de serviços (a edícula) que reforçava a segregação entre patrões e serviçais.

15

Na residência da família Souza Freire um jardim frontal, um terraço abrigado pelo volume do pavimento superior e apoiado sob pilotis vermelhos, alguns inseridos dentro de um pequeno espelho d’água em formato ameboide, e a presença de pequenos muros marcavam a transição entre o passeio público e o lote privado. A partir do passeio público, o grande volume prismático apoiado sobre pilotis configurava uma grande vitrine da vida moderna, através da qual se “observava o proprietário ler o jornal sentado em uma *chaise-longue*”¹⁷. A casa era ainda local para receber visitas ilustres em passagem pela capital sergipana uma vez que a cidade não possuía hotéis¹⁸ de qualidade. Esta residência foi uma forte referência para a construção da casa do Sr. João e Sra. Risolina Hora Oliveira.

O depoimento sobre a residência da família Souza Freire¹⁹, feito pelo Sr. João Ávila (genro do casal), reconstitui a história da casa através da história do casal, sublinhando o pioneirismo do Sr. Ernani expresso no arrojo da nova construção e o

17 Depoimento concedido à autora pela arq. Josinaide Maciel no dia 19 de setembro de 2018.

18 O Hotel Palace de Aracaju seria construído apenas em 1962.

19 Nas pranchas do projeto arquitetônico vê-se apenas a assinatura do construtor Josias Nunes Filho. Autoria do projeto não foi identificada.

cuidado da Sra. Maria Eugênia com o jardim que ajudou a conceber e executar. O filho do casal, Sr. Ernani de Souza Freire Jr., arquiteto residente no Rio de Janeiro, conta sobre o entusiasmo do pai e do envolvimento da mãe na construção da nova residência e revela que o contato com o cenário carioca era constante, uma vez que parte da família da mãe morava na então capital federal, ao ponto de encarregarem a uma loja de mobiliário do Rio de Janeiro a elaboração do projeto de interiores e, através deles, a aquisição da mobília e objetos de decoração. O envio de revistas de arquitetura e decoração era algo que ocorria com certa regularidade. Os desenhos em aquarela desenvolvidos por profissionais da Casa Nunes, a mesma que forneceria o projeto e a mobília para a residência do Sr. João e da Sra. Risolina Hora Oliveira, documentam o processo de concepção e escolha dos objetos.

A conclusão das obras da residência da família Hora Oliveira²⁰ no início da década de 1960 foi um evento que chamou atenção da sociedade local que “passava para ver todas as luzes acesas”²¹. Assim como nas experiências anteriores, essa casa é marcada pela presença da caixa trapezoidal – volume marcado pela inclinação acentuada das lajes de cobertura, inicialmente em telhado borboleta e, depois, marcada por um plano único de cobertura como na residência da família Teixeira – apoiada sobre pilotis. Um conjunto plástico ligado ao repertório de formas da produção de Arquitetura Moderna de matriz carioca.

O início dos anos de 1960, através das obras que começam a ser aprovadas e construídas, demonstra um deslocamento da composição da caixa prismática suspensa, que acentuava a organização funcional em dois pavimentos, à unidade do volume prismático que embora mantivesse a organização funcional em dois pavimentos elaborava uma maior unidade plástica. Assim, as residências família Faro, família Dórea Sobral e família Barbosa, situadas na rua Vila Cristina construídas nos primeiros anos da década de 1960 mantém a organização do programa doméstico em dois pavimentos com social e serviços no térreo e dormitórios no pavimento superior,

20 Projeto assinado por Cândico Machado Tavares, como autor e responsável técnico. Desenho de interiores assinado pelo arquiteto J. Calheiros (Casa Nunes).

21 Depoimento da filha do casal, Sr. Maria Hora Oliveira, a autora no dia 28 de setembro de 2018.

acentua os planos horizontais e a unidade do volume prismático.

A residência Manoel Barbosa, sem documento de acervo de projeto ou fotográfico que revelasse sobre datação, autoria e configuração original, foi ela mesma o documento principal, sendo o levantamento físico o processo para coleta de dados acerca de técnica construtiva, organização espacial e uso de materiais. Das casas desse conjunto essa residência é única na configuração de uma malha quadrangular que regula e disciplina o dimensionamento dos espaços. Apesar do precário estado de conservação a casa é um documento íntegro no qual se identificou pouquíssimas alterações e, portanto, capaz de informar em riqueza de detalhes sobre materiais e processos construtivos, bem como aspectos da vida doméstica na cidade de Aracaju em meados do século XX.

Uma planta centrípeta, articulada em torno do pátio central com constante conexão visual entre interior e exterior. Cuidado com adequação climática na escolha da localização das áreas molhadas (preferencialmente oeste e norte) e o desenho das esquadrias duplas em madeira nas quais as folhas de vidro eram protegidas pelas folhas com veneziana, importante para proteção solar e circulação dos ventos. Uma planta quadrada, com pátio central, virtualmente organizada em três zonas lineares e paralelas no sentido leste-oeste, a área central concentrava as áreas de transição como terraço, pátio, salas e circulação (vertical e horizontal). Assim, a porção ao sul concentrava sala principal e de uso predominantemente social e cozinha e na porção norte quartos e banheiro. Na porção central, estão as salas de jantar e estar como espaço de transição e de articulação entre as esferas social, íntima e serviço. Nessas salas estão a circulação vertical e horizontal que conecta os pavimentos e as “zonas” norte e sul, além de conectar o espaço interior ao exterior (sala de estar – pátio central – terraço frontal; sala de jantar – edícula).

Essa residência é também singular na manutenção de uma estrutura de segregação sócio-espacial ao definir duas áreas de serviços, a primeira para os serviços e serviços dedicados aos trabalhos com a casa urbana (garagem, lavanderia, depósito, quartos para motorista e empregada doméstica) e a segunda, mais ao fundo

do lote, aos serviçais vinculados aos trabalhos rurais que estivessem prestando algum serviço à família, atividade principal do Sr. Manoel Barbosa e que auxiliava no abastecimento da rede de supermercados GBarbosa de sua propriedade.

Nesse sentido, a documentação gráfica produzida ficará como importante registro para futuras reflexões e investigações sobre esta residência especialmente na ausência de outros documentos como projeto arquitetônico original e fotografias de época. Como revela o quadro resumo que informa sobre a documentação produzida para cada residência.

Quadro1 - Síntese do trabalho de documentação das Casas Modernos de Aracaju-SE.

	Projeto Original (<i>as designed</i>)	Levantamento Físico	Modelo 3D (fases <i>as designed – as built – as is</i>)	Maquete Física (<i>as designed</i>)
Res. Ernani e Maria Eugênia Souza Freire (1956-58)	x	x	3 fases	x
Res. João e Risolina Hora Oliveira (1957-61)	x	x	3 fases	x
Res. José Gonçalves Dantas (1955-1956)	x	x	3 fases	x
Res. Augusto Barreto (1955-195?)	x	-	<i>as designed</i>	x
Res. Elpídio e Jasonita Teixeira (1956-1958)	x	x	3 fases	x
Res. Manoel Barbosa (196?)	-	x	<i>as built as is</i>	-
Res. Carlos e Maria Dina Faro (1962-1964)	incompleto	x	3 fases	x
Res. Wilson Dórea Sobral (196?)	-	x	3 fases	x

Fonte: elaborado pelos autores.

Legenda: Em negrito, bens declarados de Interesse Cultural pelo Plano Diretor da Cidade de Aracaju (2000).

Dentre as residências estudadas, a residência Augusto Barreto e a residência

Manoel Barbosa foram as mais desafiadoras. A primeira não abriga mais o uso residencial, sido convertida na sede do Sindicato dos Trabalhadores em Saúde, Trabalho e Previdência Social no Estado de Sergipe (Sindiprev/SE), que promoveu consecutivas mudanças em sua fachada resultando na descaracterização (Figura 4). No entanto, uma visita realizada em setembro de 2018 (sem autorização de registro fotográfico), tenha permitido identificar a manutenção da espacialidade da residência como registrada no projeto original. Ainda sobre esta residência, nenhum depoimento oral foi conseguido.

Figura 4 - Residência Augusto Barreto (1955-1957).



Fonte: da esquerda para direita, respectivamente, Arquivo Municipal Prefeitura de Aracaju (acervo LaPEM), Josinaide Maciel (2012), Carolina Chaves (2018).

A residência Manoel Barbosa ainda tem o uso residencial preservado, no entanto, o atual morador (filho do proprietário original) não se encontrava em boa saúde e, apesar de permitir o acesso a residência para o levantamento físico e fotográfico, não pôde nos fornecer testemunho oral. Assim como o imóvel anterior, não tivemos acesso a fotos de época. No entanto, o levantamento físico demonstrou que a casa se encontra com as mesmas configurações da época de sua construção (não foi possível comparação com o projeto original, pois este não foi encontrado) sem que identificássemos qualquer alteração. Este fato a destaca como um caso especial, tendo em vista que todas as demais sofreram algum tipo de alteração, seja para adequação a novos usos, seja para adaptação a novas necessidades da família.

Residência Souza Freire (1955-1958)

Uma das residências declaradas como Bem de Interesse Cultural no Plano Diretor da Cidade de Aracaju (2000) e comumente citada como referências às “residências da fase modernista” (para utilizar mesma designação do referido Plano Diretor). Nesse sentido, reconhecendo o significado cultural desta obra e o acesso aos dados históricos, detalharemos o processo inventariação que contou com análise do projeto original, levantamento físico, fotografias antigas e depoimentos orais. Através do documento do projeto aprovado pela Prefeitura Municipal de Aracaju no ano de 1956, foi possível precisar a data da obra, que comumente era referenciada como a “primeira casa modernista”, mas que surge num contexto de renovação da paisagem urbana e introdução de novos elementos plásticos a exemplo de outras obras anteriores e contemporâneas a esta. Não foi possível identificar autor do projeto (há uma assinatura do desenhista, porém ilegível).

20

As fases do projeto registradas visam identificar ideias e intenções projetuais definidas no projeto aprovado pela prefeitura (na fase de permissão para construção), o que corresponde à fase *as desired*. As visitas ao local, os depoimentos orais e as fotografias de época forneceram pistas para identificar as alterações ao longo do tempo a partir do reconhecimento da configuração da obra construída (*as built*) em detrimento da configuração atual (*as is*).

Em grande medida, as fases de projeto e a obra construída são muito semelhantes, com exceção à execução dos pilares na fachada leste (Av. Ivo do Prado) com aumento do diâmetro (de 20 para 36 cm) e a substituição de um pilar por dois que apoiam a extremidade leste do volume prismático da varanda vizinha ao gabinete (fachada leste). As principais alterações, no entanto, ocorreram na década de 1990 quando os proprietários se mudam da casa e o imóvel é alugado para fins comerciais, o que levará a alterações nos banheiros no pavimento superior, ao fechamento do terraço (fachada sul) e acréscimo de um pavimento em parte do volume da edícula para a construção de escritórios para aluguel. Como se vê nas imagens, essas alterações apesar de significativas não comprometem a compreensão da obra quando ainda é

possível apreender a volumetria do conjunto (caixa prismática parcialmente apoiada em pilares circulares), identifica-se elementos construtivos característicos (elementos vazados, revestimentos cerâmicos de piso e paredes). O jardim, motivo de cuidado e orgulho da proprietária, foi destruído para dar lugar a estacionamento de automóveis.

O cuidado com a arquitetura de interiores também reforça o desejo de construção de uma residência que incorporasse os usos e costumes da vida moderna através de seus móveis e equipamentos. O projeto de interiores foi encomendado a loja de móveis Casa Nunes, sediada no Rio de Janeiro, cujo registro encontrava-se nas aquarelas (Figura 5) que orgulhosamente eram expostas nas paredes da casa. Infelizmente, esses documentos foram roubados e o que nos chega até hoje foram os registros fotográficos pelos pela arquiteta Josinaide Maciel (2013) durante a elaboração de dissertação de mestrado. Alguns móveis estão sob os cuidados do Sr. João Ávila (2018).

Figura 5 - Aquarelas de Representação da Proposta de Ambientação da Res. Souza Freire (1956-58).

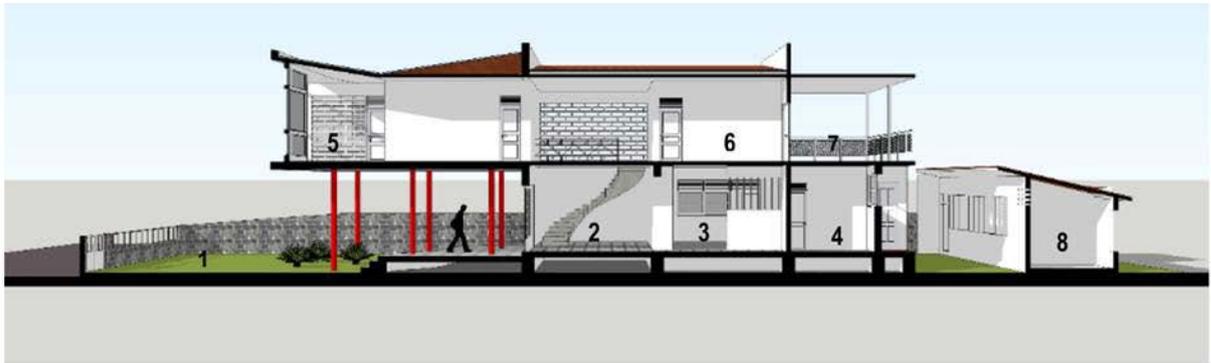


Fonte: Família Souza Freire, acervo Josinaide Maciel (2012).

Legenda: A esquerda, quarto do filho. A direita, sala de estar e sala de jantar. Alguns itens desse mobiliário estão sob cuidados do Sr. João Ávila (genro).

As mudanças mencionadas anteriormente podem ser verificadas nas imagens a seguir (Figura 6). O muxarabi projetado para fechamento da varanda leste (01 pavimento) foram substituídos por alvenaria (imagem inferior, cor laranja). O programa habitacional reservava os quartos (setor íntimo) ao primeiro pavimento e cozinha e salas (setor social e serviço) no térreo.

Figura 6 - Corte longitudinal Res. Souza Freire (1956-58).



Fonte: Modelagem digital Letícia Jácome (2018).

Legenda: 1. Jardim; 2. Sala de Estar/Circulação vertical; 3. Sala de Jantar; 4. Sala de Costura; 5. Varanda (acesso gabinete); 6. Quarto; 7. Varanda; 8. Edícula (serviços).

Figura 7 - Modelo Digital da Residência Souza Freire (1956-58).



Fonte: Modelagem digital Letícia Jácome (2018).

Legenda: Vista Nordeste. Imagem superior, fase *as designed*. Imagem inferior, fase *as built* (cor laranja) e *as is* (cor lilás).

Preservar para as futuras gerações

Em resposta à dinâmica urbana de grande parte dos centros urbanos brasileiros, muitas residências em áreas centrais e suas proximidades tem sido adaptada para o uso comercial ou de prestação de serviços. Nesse processo muitas casas modernas foram demolidas ou encontram-se em avançado processo de descaracterização. Em Aracaju, esse cenário é particularmente evidente no bairro São José desde a década de 1980 através da adaptação de imóveis residenciais para abrigar usos de comércio e serviço.

Nesse sentido, o que se defende aqui é que pensar e agir pela e para conservação da arquitetura moderna passa necessariamente por reconhecer e construir com a comunidade o valor cultural desses bens, o que para o caso da experiência residencial unifamiliar moderna em Aracaju pode ser abordada nos termos de conjunto urbano, como se buscou demonstrar nesse ensaio. Sem a pretensão de esgotar o assunto, fica aqui uma breve e inicial contribuição, através da qual para cada residência foram confrontados os documentos já conhecidos (documentos dos projetos obtidos no Arquivo Público) acrescidas novas informações que vinham através do contato direto com a obra (levantamento físico) e da narrativa oral (comunidade).

O conjunto de casas analisado, apesar das interferências registradas, caracteriza-se com um conjunto que guarda muitos de seus elementos característicos e representam o impulso de modernização que marcou o Brasil nas décadas de 1950 e 1960.

REFERÊNCIAS

ALBERTON, Josicler. **Influência modernista na arquitetura residencial de Florianópolis**. 2006. 102 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – PósARQ, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ARAÚJO, Antônio Carlos. **Entrevista** concedida em 22 de setembro de 2018. Aracaju-SE.

ARRUDA, Ângelo Marcos Vieira de. A Popularização dos Elementos da Casa Moderna em Campo Grande – Mato Grosso do Sul. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, 5., 2003, São Carlos. **Anais...** São Carlos: Edusp, 2003.

ÁVILA, João. **Entrevista** concedida no dia 21 de setembro de 2018. Aracaju-SE.

CHAVES, Carolina. **Casa (moderna) brasileira: Difusão da arquitetura moderna em João pessoa 1950-60's**. 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos.

FARO, Nestor. **Entrevista** concedida no dia 11 de novembro de 2018. Aracaju-SE.

FILHO, Hilário. Verbetes Documentação. In: **Dicionário do Patrimônio Cultural**. Disponível: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/27/documentacao>.

FREIRE, Adriana. **Modernização e modernidade: uma leitura sobre a arquitetura moderna de Campina Grande (1940-1970)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos.

MACIEL, Josinaide. **Olhar aproximado para as residências Souza Freire e Hora Oliveira: bens modernistas de interesse cultural**. 2013. 270 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – FAUUFBA, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

_____. **Entrevista** concedida no dia 19 de setembro de 2018. Aracaju-SE.

MINDLIN, Henrique. **Arquitetura Moderna no Brasil**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas, 2000.

NERY, Juliana. Registros: As Residências Modernistas em Aracaju nas Décadas de 50 e 60. In: **V Seminário DOCOMOMO Brasil, 2003, São Carlos-SP**. Disponível em: <http://www.docomomo.org.br/seminario%205%20pdfs/079R.pdf>. Acesso: 06 jun. 2010.

_____; SANTOS, Isabella Aragão Melo. Expressões do moderno sergipano: as residências unifamiliares do bairro São José nos anos 50 e 60. In: Fernando Diniz Moreira. (Org.). **Arquitetura moderna no e Nordeste do Brasil: universalidade e diversidade**. 01ed. Recife: Fasa Gráfica, 2007, v. 01, p. 237-258.

NETO, Paulo. **Residências em Fortaleza, 1950 – 1979: 1 contribuições dos arquitetos Liberal de Castro, Neudson Braga e Gerhard Bormann**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo FAUUSP-SP, 2005.

25

OLIVEIRA, Maria Hora. **Entrevista** concedida no dia 28 de setembro de 2018. Aracaju-SE.

RIEGL, Aloïs. **O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem**. Perspectiva: São Paulo, 2014.

SANTOS, Isabella Aragão Melo. **Arquitetura Moderna na Aracaju dos anos 1940 e 1970**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Salvador, Bahia, 2012.

SHARP, Denis e COOKE, Catherine (eds.). (2000). **The Modern Movement in Architecture: selections from the Docomomo Registers**. Inglaterra: 010 Uitgeverij. 280p.

TEIXEIRA, Eneida. **Entrevista** concedida no dia 09 de outubro de 2018. Aracaju-SE.

CASCIATO, Maristela; d'ORGEIX, Émile. **Architectures Modernes: l'émergence d'un patrimoine**. Bélgica: Madarga, 2012.

PEREIRA, F. **Difusão da Arquitetura Moderna na cidade de João Pessoa (1956-1974)**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Escola de Engenharia de São Carlos/USP, São Paulo, 2008.

QUINTERO, Mário et al. **Architectural Heritage: The Role of Digital Documentation Tools: The Need for Appropriate Teaching Material**. International Journal of Architectural Computing issue 02, volume 05 (239-553).

Nota:

Este artigo é a versão revisada e ampliada do texto publicado nos Anais da 13ª Conferência Docomomo Brasil que ocorreu na Bahia entre os dias 07 e 10 de outubro de 2019.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade/Instituto/Escola. Programa de Pós-graduação Projeto e Cidade. Publicação no Portal de Periódicos UFG.

As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

RECEBIDO EM: 11/10/2020

APROVADO EM: 15/10/2020

PUBLICADO EM: 13/11/2020